

HISTÓRIA E CULTURAS

“CRIATURAS DE COBIÇA, ORNAMENTO E SEDUÇÃO” - O FEMININO NA CULTURA ESCRITA NA ANTIGUIDADE TARDIA E ALTA IDADE MÉDIA

Gabrielle Abreu dos Santos ¹

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.19161557>

19

Resumo: A cultura escrita teve um papel crucial na representação do sexo feminino na sociedade medieval, e perdura até os dias de hoje. Este artigo é oriundo da pesquisa de monografia e visa apresentar algumas questões elaboradas nas obras literárias produzidas no recorte entre a Antiguidade Tardia e a Alta Idade Média, que debate a natureza feminina e o papel social da mulher. Elementos do cristianismo, a Igreja enquanto instituição e o clero foram alguns dos principais responsáveis por propagar o discurso difamatório da inferioridade feminina.

Palavras-chave: Cultura Escrita. Feminino. Discurso. Representação.

“CREATURES OF LUST, ORNAMENT AND SEDUCTION” - THE FEMININE IN WRITTEN CULTURE IN LATE ANTIQUITY AND THE HIGH MIDDLE AGES

Abstract: Written culture played a crucial role in the representation of the female sex in medieval society, and it persists to this day. This article comes from monograph research and aims to present some of the issues raised in literary works produced in the period between Late Antiquity and the High Middle Ages, which debate female nature and the social role of women. Elements of Christianity, the Church as an institution and the clergy were some of the main factors responsible for propagating the defamatory discourse of female inferiority.

Keywords: Written Culture. Feminine. Discourse. Representation.

As diversas linhas da cultura escrita que discorrem sobre a natureza do feminino apontam falhas de moral, espírito e caráter, que, posteriormente, influenciaram argumentos de associação da mulher ao mal e à bruxaria. O mito de Eva como a primeira pecadora, seduzida pela serpente em Gênesis, foi um dos alicerces para inúmeras atrocidades executadas contra o sexo feminino. Muitas das religiões utilizaram lendas e mitos, de Pandora, Medéia e Circe como

¹Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades (PPGHCE) da Universidade Estadual do Ceará. Graduada em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Ceará. Foi monitora da disciplina de História Medieval, em 2018 e 2019. Foi bolsista de IC-FUNCAP com o tema OS CAVALEIROS DA CONTEMPORANEIDADE: AS REPRESENTAÇÕES DA CAVALARIA MEDIEVAL NO MERCADO EDITORIAL (1954-1996), em 2019 e 2020. Realizou a pesquisa de monografia sobre o processo de demonização o feminino a partir da Reforma Papal (séc. XI) e como essa misoginia medieval instaurada influenciou na publicação do Martelo das Feiticeiras (séc. XV). Também atuou como coordenadora do Grupo de Estudos em Medieval, ligado ao Grupo de Pesquisa de Oralidade e Escrita na Antiguidade e Medievalidade (ARCHEA) na Universidade Estadual do Ceará.

²Roger CHARTIER, *Inscrever e apagar: Cultura escrita e literatura (século XI-XVIII)*, São Paulo, Editora UNESP, 2007.

HISTÓRIA E CULTURAS

exemplos do malefício que corre nas veias do sangue feminino, sempre buscando argumentos na teologia, filosofia e na patrística que justificassem seus atos.³

A Queda, no Gênesis, foi um ponto crucial para a patrística na questão dos sexos. O Velho Testamento, em um esforço de superar as religiões pagãs e a proeminência do feminino, substituiu as deidades femininas por um deus único e masculino, que está além da sexualidade e da carne. Também ocorreram influências da cultura grega e de filósofos, como em relação à virgindade, com as sacerdotisas gregas, e a desconfiança platônica da carne, dos sentidos e da sensualidade. Esses aspectos, sem dúvidas, influenciaram os patrísticos, uma vez que encaixavam nos objetivos do cristianismo. Nisso, podemos analisar as associações de aspectos culturais, filosóficos e religiosos do cristianismo quando convém.⁴

O GÊNESIS DA TRADIÇÃO MISÓGINA

As palavras que foram reservadas para definir a natureza feminina ressaltaram que suas principais funções eram a fraqueza física, submissão ao homem e procriação. Essas definições fazem com que os teólogos chegassem a conclusões de que esse ser é controlado pelos seus órgãos, especialmente pelos sexuais, uma serva da luxúria e do pecado, e que:

A natureza da mulher, na sua diversidade e nos seus aspectos contraditórios, tal como a Idade Média tentou defini-la, é uma representação destinada a perdurar. Instalaram-se, por alguns séculos, uma linguagem e sistema explicativos que impregnaram os espíritos e modelaram as imaginações.⁵

O campo da moral, dominado sistema patriarcal, influenciou diretamente no imaginário⁶ daqueles que condenam as mulheres, sendo assim, um auxílio na perseguição e na construção de

³A Patrística foi a filosofia criada nos três primeiros séculos do cristianismo. Tendo Agostinho de Hipona como seu principal filósofo, teve como objetivo a racionalização da fé cristã, defesa contra os ataques pagãos e denominações de heresias; *Vid.* Johannes HIRSCHBERGER, *História da Filosofia na Idade Média*, São Paulo, Ed. Herder, 1966)

⁴Rose Marie MURARO, “Introdução”, em Heinrich KRAMER, James SPRENGER, *Malleus Maleficarum – O Martelo das Feiticeiras*, Rio de Janeiro, BestBolso, 2015, pp. 9-22

⁵Claude THOMASSET, “Da natureza feminina”, em Michelle PERROT; Georges DUBY, *História das Mulheres: Idade Média – Vol. 2*. Porto, Ed. Afrontamento, 1990. p. 26

⁶O imaginário constituído no medievo era composto por concepções coletivas do que era e do que poderia ser o Mal, o Diabo e seus seguidores. No caso da presente pesquisa, o imaginário coletivo do Mal foi associado ao feminino a partir da narrativa, que foi construída pela Igreja de que toda e qualquer mulher é ou será maligna e traiçoeira por ser descendente de Eva. Baczko argumenta que o imaginário é um conjunto de conhecimentos e habilidades que organizam o mundo, atribuindo significado a ele por meio de diversas formas de expressão, como palavras, discursos, imagens, sons, objetos, práticas, rituais e comportamentos. Além disso, o imaginário contém crenças, mitos, ideologias, conceitos e valores que ajudam a construir identidades e exclusões, bem como hierarquizar, dividir e comparar semelhanças e diferenças na sociedade. *Vid.* Bronislaw BACZKO, “A imaginação social” em Enciclopédia Einaudi, Lisboa, Imprensa Nacional, 1985; Évelyne PATLAGEAN, *A história do imaginário* em Jacques LE GOFF, *A história nova*, São Paulo, Martins Fontes, 2005, pp. 292-312

HISTÓRIA E CULTURAS

discursos simbólicos, criando uma cadeia de violência sistêmica. Federici afirma que as perseguições às mulheres, sejam elas acusadas de bruxaria ou não, não é um evento episódico. Essa perseguição é estrutural e funciona com os mecanismos da sociedade burguesa e misógina, o cerceamento do corpo feminino e das suas capacidades reprodutivas também estão inseridas dentro desse sistema⁷.

Já as estruturas desse imaginário são trabalhadas arduamente pela cultura escrita, apresentando que:

As mulheres são governadas pelo seu sexo. A morte, o sofrimento, o trabalho entraram no mundo através delas. [...] Tais são as verdades afirmadas à partida pela Escritura e pela tradição patrística. Por isso, controlar ou castigar as mulheres, e antes de mais o seu corpo e a sua sexualidade desconcertante ou perigosa, é tarefa para homens. A prudência e o saber masculinos não deixam de o fazer, e de forma suficiente. Provérbios ditados, mas sobretudo tratados médicos, teológicos, didáticos e morais forneceram, desde a Antiguidade, todo um arsenal.

Os estudos científicos, as normas sociais e éticas foram desenvolvidas baseadas na ideia de que o corpo feminino é descontrolado e precisa manter-se casto, e que tende, unicamente, para a procriação: toda a educação voltada para o sexo feminino é orientada para essa finalidade. Sendo assim, a filosofia e a patrística influenciaram as repressões dos prazeres da carne e do sexo feminino na cultura cristã.

Aristóteles, Platão, filosofias neopitagóricas, estoicas, judaísmo helênico e escritores como Tertuliano, Paulo e Filon de Alexandria se dedicaram a essas reflexões. O pensamento estóico contribuiu com argumentos contra a carne em favor de um ideal de vida de acordo com a natureza. Já em Aristóteles, temos as definições da natureza feminina e os ambientes mais apropriados para a mulher, que fomentaram a base política antes mesmo da era cristã e que revitalizaram o código doméstico. A mulher também é representada como um ser imperfeito, um homem bastardo e incompleto.

Mas a história do sexo feminino não começou com pactos e malefícios, já que:

⁷Silvia FEDERICI, *O Calibã e a Bruxa*, São Paulo, Editora Boitempo, 2019.

⁸Christiane Klapish ZUBER, “Introdução - As normas do controle” em Michelle PERROT; Georges DUBY; *História das Mulheres: Idade Média – Vol. 2*, Porto, Editora Afrontamento, 1990, p. 27

⁹Howard BLOCH, *Misoginia Medieval - e a invenção do amor romântico ocidental*, Rio de Janeiro, Editora 34, 1995, p. 95; Vide Pedro Carlos Louzada FONSECA, *Literary Misogyny and Praise of Women in the Middle Ages*, Cambridge, Cambridge Scholars Publishing, 2022; Pedro Carlos Louzada FONSECA, *Misoginia satírica no latim medieval: Marbod de Rennes e a visão da mulher como vício e malignidade*, Via Litterae Anápolis, 7 (2015), pp. 297-305.

HISTÓRIA E CULTURAS

A atitude masculina em relação ao “segundo sexo” sempre foi contraditória, oscilando da atração à repulsão, da admiração à hostilidade. O judaísmo bíblico e o classicismo grego exprimiram alternadamente esses sentimentos opostos. Da idade da pedra, que nos deixou muito mais representações femininas do que masculinas, até a época romântica, de certa maneira a mulher foi exaltada. De início, a deusa da fecundidade, “mãe de seios fiéis” e imagem da natureza inesgotável, com Atená torna-se divina sabedoria, com a Virgem Maria o canal de toda graça e o sorriso da bondade suprema.¹⁰

O cenário se transformou com a ascensão das sociedades patriarcais e da produção literária. No século II, Tertuliano descreveu as mulheres como "criaturas de ganância, ornamento e sedução"¹¹ Além disso, também afirma que a mulher é uma criação do rival de Deus e que só serve para desviar os homens do caminho sagrado, demonstrando sua ligação intrínseca com o Diabo. Ele também afirma, dirigindo-se a todas as mulheres:

Não sabes tu que és Eva, tu também? A sentença de Deus tem ainda hoje todo o vigor sobre este sexo, é preciso portanto que a sua culpa subsista também. Tu és a porta do Diabo, tu consentiste na sua árvore, foste a primeira a desertar da lei divina.¹²

Em *Dos Preceitos dos Heréticos*, ele afirma que “estas mulheres heréticas — que ousadas são! Não têm nenhuma modéstia; são audaciosas ao ponto de ensinar, travar debates, realizar exorcismos, efetuar curas, e talvez até batizar”¹³. A natureza feminina se mostra tão perversa em suas narrativas que ele a instrui “usar sempre o luto, estar coberta de andrajos e mergulhada na penitência, a fim de compensar a culpa de ter trazido a perdição ao gênero humano”.¹⁴

A repulsa pelo corpo feminino e sua natureza, como o parto, a maternidade e a menstruação são constantemente ressaltadas pelos pensadores da Antiguidade Tardia e Alta Idade Média. A mulher foi destituída do seu papel central na concepção e na gestação, sendo tratada apenas como um receptáculo, que segundo Tomás de Aquino “a mulher tem necessidade do macho não só para gerar, como entre os outros animais, mas até mesmo para governar-se, pois o macho é mais perfeito por sua razão e mais forte em sua virtude [...]”.¹⁵

¹⁰Jean DELUMEAU, *História do Medo no Ocidente: uma cidade sitiada*, São Paulo, Ed. Companhia de Bolso, 2009, p. 462

¹¹Jacques DALARUN, “Olhares de clérigos”, em Michelle PERROT; Georges DUBY. *História das Mulheres: Idade Média – Vol. 2*. Porto, Ed. Afrontamento, 1990. p. 35

¹²IBIDEM, 1990, p. 32

¹³TERTULIANO apud Howard BLOCH, *Misoginia Medieval - e a invenção do amor romântico ocidental*, Rio de Janeiro, Editora 34, 1995, p. 97

¹⁴DELUMEAU, op. cit.

HISTÓRIA E CULTURAS

Os manuais anti matrimoniais também tiveram um papel nesse processo. Mesmo que o casamento seja um sacramento, deve ser optado apenas em último recurso, pois a carne atua como o caminho para o pecado e a perdição. Já a virgindade era vista como algo divino, sendo aconselhados a mantê-la em prol do matrimônio, como afirma são Jerônimo:

Ousas depreciar o casamento que foi abençoado por Deus?, direis. Preferir-lhe a virgindade não é de modo algum depreciar o casamento [...]. Ninguém compara um mal a um bem. Que as mulheres casadas tenham orgulho de tomar lugar atrás das virgens. “Cresceis, multiplicai e enchei a terra” (Gênesis, 1:28) Que cresça e se multiplique aquele que quer encher a terra.¹⁵

Cabe aqui dizer que muitas das tradições e preconceitos misóginos não nasceram no berço do cristianismo, na verdade, foram encaixados nas lacunas em branco. Na passagem da Antiguidade Tardia para a Alta Idade Média, o cristianismo somou, racionalizou e aumentou as queixas misóginas de outras tradições. Além disso, possuía um exército de clérigos empenhados em exaltar a virgindade e condenar as tentações. Esse medo tomou as rédeas da literatura produzida no período.

Além do empenho cultural e clerical, a própria constituição política e arranjo social colaborou para a construção do imaginário feminino e do enraizamento da mulher dentro do seio doméstico e privado. A construção do Estado burocrático na *gens* romana afetou diretamente a concepção de família, auxiliando na hierarquia entre os sexos. Na medida em que a sociedade foi evoluindo do sistema de produção de subsistência, para o excedentes da produção e acumulação de riquezas, o papel do homem aumentou nas instituições, como família e Estado, enquanto a mulher foi minguando para uma posição inferior, sendo retirada aos poucos do processo de produção e sendo inserida dentro do ambiente doméstico.¹⁶

Nesse período, as atitudes cristãs sobre os sexos refletem o afastamento pessoal em direção ao burocrático; a modificação da estrutura familiar; a repressão do concubinato, do aborto, do adultério e a proibição do incesto e a sacralização do casamento, garantindo o controle reprodutivo da mulher. Todos esses fatores culminaram na domesticação da misoginia, o que resultou na definição de uma normalidade sexual, que seria a heterossexualidade de reprodução; o

¹⁵Georges DUBY, “Eva e os padres” em *As damas do século XII*, São Paulo, Editora Companhia de Bolso, 2011, p. 278

¹⁶DELUMEAU, op. cit, p. 471.

¹⁷Friedrich ENGELS, *A origem da família, do Estado e da propriedade privada*, Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1984.

HISTÓRIA E CULTURAS

aumento do encargo do casal e da família enquanto instituição; a visão misógina dos aborrecimentos domésticos e do casamento, ou seja, da convivência com uma mulher. Além disso, segundo Foucault, existem regiões de conflitos de discurso e poder, que se destacam a política e a sexualidade. A construção do homem e da mulher na sociedade, e a divisão dos espaços públicos, se apresenta para o corpo feminino como uma contínua coerção, a disciplina incessante em todas as partes do corpo¹⁸

As transformações sociais que ocorreram no Império Romano, assim como a medicina grega, ofereceram modelos de refreamento sexual, que influenciaram diretamente a Igreja do século III, na sua campanha em favor do celibato. Podemos verificar que a produção do discurso se desenvolveu de forma controlada e muito bem organizada, se preocupando em abarcar cada aspecto da existência feminina, e orientada para diversos âmbitos, como o escrito, social e cultural. O conceito de mulher elaborado nos primeiros séculos do cristianismo estava atrelado ao desprezo da carne. Até o próprio casamento, e mesmo sendo uma política, era visto como algo negativo, ter que dividir seus dias ao lado de uma mulher, que se torna repleto de fofocas, intrigas e discórdia.¹⁹

A ligação da mulher com a tagarelice, vem de Eva, que:

[...] não soube fazer um uso justo do dom da linguagem, e foi a primeira a responder à serpente; esta debilidade prolonga-se nas suas descendentes, que até na igreja, onde cada uma das suas palavras deve ser dedicada a Deus, se perdem em vãs tagarelices, sugeridas pelo maligno [...].²⁰

A sexualidade enquanto fardo era ligada ao corpo feminino, já era representado como um agente da sedução, sendo o pecado sua condição natural. Sendo assim, uma das consequências da misoginia seria a investida anti matrimonial, o crescimento do movimento monástico do século II em diante, com as campanhas de celibato clerical e a condenação da carne e da mulher.

A crescente distância entre as mulheres e os homens que escreviam sobre elas, seja dentro dos claustros, escolas ou faculdades de teologia ou mesmo pela filosofia do celibato, fez com que os homens nada saibam sobre as mulheres que escrevem. Por isso, imaginam e figuram uma mulher que não condiz com a realidade. As representações femininas caminham em cima de um muro que divide extremos, por um lado temos a Eva, a pecadora, e do outro Ave Maria, a virgem

¹⁸Michel FOUCAULT, *A Ordem do Discurso*, São Paulo, Editora Loyola, 2014

¹⁹BLOCH, op. cit.

²⁰Chiara FRUGONI, “A mulher nas imagens, a mulher imaginada”, em Michelle PERROT; Georges DUBY. *História das Mulheres: Idade Média – Vol. 2*, Porto, Editora Afrontamento, 1990. p. 474

HISTÓRIA E CULTURAS

redentora que possibilitou a salvação das mulheres. Ambas as imagens, extremos de uma ideia, condenaram as mulheres de formas semelhantes: propunha uma pureza inalcançável e afirmava a existência de uma luxúria desenfreada, sem meios termos. Portanto, representar a mulher se torna um objetivo.

A REFORMA PAPAL E A INFLUÊNCIA NO IMAGINÁRIO FEMININO

O primeiro debate acerca do celibato ocorreu no Concílio de Elvira, em 306, restrito à região da Espanha, expondo, assim, que apesar da discussão, o celibato ainda não era “uma regra geral, mas localizada, conquanto a problemática da castidade clerical já estivesse regulamentada em certos lugares”.²¹ A partir desse evento, a castidade clerical foi, frequentemente, pauta de diversos concílios até a conclusão da Reforma, em 1226. No I Concílio de Latrão (1123) o Papa Calixto II instituiu uma resolução proibindo definitivamente o casamento no meio eclesiástico. Logo em seguida, no II Concílio de Latrão (1139) o papa Inocêncio II “reforçou a determinação de dissolução e invalidez dos matrimônios de clérigos e renovou a convocação dos leigos para participarem na luta contra o desrespeito aos votos do celibato”.²²

A implementação do celibato clerical não foi imediata, enfrentando forte resistência por parte de indivíduos que apoiavam as normas, costumes e tradições existentes na sociedade medieval desde a época romana. O debate sobre o direito ao casamento clerical foi amplamente embasado em argumentos encontrados na própria Sagrada Escritura. Porém, a Igreja Católica se uniu ao Estado no processo de erradicar práticas e costumes considerados profanos, como concubinato, a bigamia e o casamento entre clérigos, buscando manter a estabilidade do seu domínio, ameaçado por indivíduos que a sociedade deveria excluir, tais como mulheres de clérigos, prostitutas, sodomitas, hereges, ladrões e oficiais corruptos.

De acordo com Bloch, o celibato era importante, pois:

[...] as aquisições da Igreja ficavam expostas a riscos muito maiores de dilapidação, caso os eclesiásticos encarregados de suas riquezas tivessem famílias, para cujo o sustento era de se esperar, já que a ansiedade paternal é natural e pudesse sobrepujar o sentido de dever no cumprimento da custódia dos bens da igreja.²³

²¹Edlene Oliveira SILVA, *Entre a batina e a aliança: das mulheres de padres ao movimento de padres casados no Brasil*, Brasília, Universidade de Brasília, 2008.

²²Ibidem

²³BLOCH, op. cit, p. 107.

HISTÓRIA E CULTURAS

A Reforma assumiu diferentes frentes, tanto social, econômica como a cultural. No aspecto social e econômico, tinha como objetivo libertar a instituição dos poderes seculares, que:

[...] vai dos dízimos, dos santuário paroquial, da designação dos curas, que os senhores locais pretendiam gerir, até as eleições episcopais e pontificais, dominadas pela lei dos príncipes e do imperador; mas também refrear os costumes do clero, estendendo aos padres seculares o celibato copiado da vida monástica, oferecer-lhes o quadro da vida canónica para regular a sua existência cotidiana.»

No aspecto cultural, a moral do clero foi um dos principais alvos da ação reformadora, onde sacerdotes, diáconos e subdiáconos são “proibidos de viver com concubinas, esposas ou qualquer outra mulher, com exceção daquelas que não levantassem suspeitas, como mães, irmãs ou tias”.²⁵ Para alcançar o objetivo, o retorno à pureza dos apóstolos, teólogos e filósofos se esforçaram em produzir e retornar à tratados sobre a impureza da carne e o malefício feminino. Segundo Vainfas:

Do tempo dos Apóstolos aos dias de hoje, o cristianismo estimulou diversas manifestações morais acerca do sexo. E se houver um traço unificante de todas essas “morais”, este foi a recusa do prazer, às vezes flexível, mas sempre presente em todas as reflexões e códigos éticos fundamentados no cristianismo. Em certo sentido, a problematização cristã da carne supõe o prazer como um mal em si mesmo e também como um obstáculo à salvação (pecado original), e principal responsável pelos flagelos da humanidade. [...] A interpretação sexualizada do pecado original marcou decisivamente o conjunto das éticas cristãs, dela resultando a concepção de um mundo entevado pelas aflições da carne, a visão do homem fragilizado pelo desejo e a identificação da virgindade, pureza e salvação.»

O movimento iniciado no século XI, que recebeu seu impulso final por meio do Gregório VII, veio para promover o regresso à ao ideal de vida dos apóstolos, que pretendia reformar o modo de vida, tanto dos clérigos quanto dos leigos, assim como as relações entre a Igreja e a Sociedade. Para assegurar e garantir a distância segura dos clérigos da lascívia, vários tratados e cartas foram escritas pelos pensadores da Reforma, pondo a mulher “no seu devido lugar”.²⁶

²⁴DALARUN, op. cit, p. 32/33.

²⁵Andreia Cristina Lopes Frazão da SILVA, “A Reforma Gregoriana e o Bispado de Santiago de Compostela segundo a Historia Compostelana” em Anuario brasileiro de estudos hispânicos, 10 (2000), p. 221.

²⁶Ronaldo VAINFAS, *Casamento, amor e desejo no Ocidente Cristão*. São Paulo, Editora Ática, 1986; p. 80.

²⁷Gabrielle Abreu dos SANTOS, “Eu sou ela, Lilith, concubina da escuridão, primeira criminosa e auxiliadora dos demônios: O imaginário da bruxa no Martelo das Feiticeiras (século XV)”, Revista Eletrônica do Mestrado Acadêmico de História, Culturas e Espacialidades, VIII (2020), p. 135-145

HISTÓRIA E CULTURAS

Logo, a Reforma é aplicada passo a passo, por meio de sermões, tratados teológicos, comentários às Escrituras, vidas de santos, poesia latina, cartas espirituais, percorrendo todo o caminho da teoria à prática. Os teólogos se utilizavam de figuras femininas para justificar a perseguição, e Vandoma nos fornece mais algumas fontes desse imaginário:

Este sexo envenenou o nosso primeiro pai, que era também seu marido e pai, estrangulou João Baptista, entregou o corajoso Sansão à morte. De uma certa maneira, também matou o Salvador, porque, se a sua alta o não tivesse exigido, o nosso Salvador não teria tido necessidade de morrer. Desgraçado sexo em que não há nem temo, nem bondade, nem amizade e que é mais de temer quando é amado do que quando é odiado.²⁸

No decorrer dos séculos XI e XII, a representação que perdurou foi a de Eva, em Gênesis, que após a criação do mundo, no sexto dia, Deus criou Adão, e de sua costela criou a mulher. A ideia de criação a partir da costela, por si já nos apresenta uma repressão sexual, onde a mulher sendo a derivação do homem, se vê num ambiente de subordinação e inferioridade, inserida dentro de uma hierarquia de poderes inerente à própria concepção de o que é ser um humano. O pecado mortal de Eva foi a tentação de Adão para comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, que amaldiçoou todas as suas descendentes. Sendo assim:

Eva deixou-se seduzir pelo demônio e com ela entra no mundo o pecado original, a morte, a condenação eterna. A sua fatal debilidade torna-a especialmente vulnerável e culpada – é ela a origem de tantos males” –, e assim serão todas as mulheres, com exceção da Virgem.²⁹

A efetivação do celibato foi um processo demorado e que enfrentou resistências diante das tradições romanas instauradas na sociedade medieval. Para que uma norma se torne um hábito é preciso que seja internalizada pelos indivíduos que compõem a sociedade. O processo de naturalização de uma nova norma pode ser demorado, já que envolve o confronto com hábitos estabelecidos (as normas antigas) que, por serem carregados de afeto, não podem ser superados por meio de argumentos e atitudes racionais.

Para a superação do *habitus* estabelecido, a construção da narrativa feminina encaixou bem aos propósitos de naturalização de uma nova norma. No momento em que o celibato saiu do âmbito da fé individual para uma norma geral, a abstinência sexual se transformou em um sinal de

²⁸DALARUN, op. cit, p. 34.

²⁹FRUGONI, op. cit, p. 47.

HISTÓRIA E CULTURAS

superioridade dos clérigos sobre os leigos. Segundo Pierre Bourdieu, a formação do campo religioso ocorre por meio da separação entre sacerdotes e leigos.³⁰

O monopólio da administração dos chamados "bens de salvação" por parte de uma hierarquia de especialistas religiosos, que produzem e reproduzem conhecimentos e ritos secretos, marginaliza os demais indivíduos que são considerados inferiores por não conhecerem os simbolismos ocultos da religião. Bourdieu argumenta que "a formação de um campo religioso acompanha a desapropriação objetiva daqueles que são excluídos dele, e que se tornam, por esta razão, leigos desprovidos de capital religioso e reconhecem a legitimidade desta desapropriação simplesmente por desconhecê-la enquanto tal".³¹

A veracidade do discurso e a produção literária elaborada pela Igreja se corrobora por si só, sendo a distribuição da verdade do discurso sendo endossada no peso da própria instituição. Todos esses discursos são marcados por práticas que atribuem papéis preestabelecidos aos sujeitos que falam, e que determinam a propriedade singular do discurso. Essas práticas de ritualização e coerção também contribuem para a manutenção de poder e controle em diferentes esferas da sociedade.³²

A produção da narrativa sobre a natureza feminina se constroi como verdadeira por conta do interlocutor, que além de funcionar como um indicador da verdade no medievo, era consagrado como uma das instituições mais poderosas do período. O escoamento, mesmo que sua produção tenha sido para um círculo específico (o dos clérigos) em um dado momento, ultrapassou as barreiras clericais e inundou a sociedade medieval. A carne, o sexo, o prazer e a mulher foram construídas como as bases do pecado original e do mal que permeia o mundo.

A escrita veio como um meio contra a inevitável perda. O medo obcecou a Igreja numa intensa produção literária, o que gerou uma proliferação textual incontrolável, um discurso com ordem, mas sem nenhum limite. O excesso de tratados, cartas, concílios e sínodos deram margem para a perseguição das mulheres, a caça às bruxas e a misoginia medieval.

³⁰O conceito de *habitus* é definido por Elias como formas coletivas de sentir, pensar e agir que foram construídas durante um período de longa duração e que são tomadas como práticas naturais. Geralmente são comportamentos forjados ao longo do tempo, pelo processo civilizador, e que não é percebido como uma prática construída historicamente, sendo naturalizada pelos indivíduos. Já Bourdieu define *habitus* como o sistema das disposições socialmente construídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto de práticas e das ideologias características de um grupo de agentes. Tais práticas e ideologias poderão atualizar-se em ocasiões mais ou menos favoráveis que lhe proporcionam uma posição e uma trajetória determinada na estrutura da classe dominante. *Vid.* Pierre BOURDIEU, *A economia das trocas simbólicas*, São Paulo, Editora Perspectiva, 2011

³¹*Ibidem*

³²Michel FOUCAULT, *A Ordem do Discurso*, São Paulo, Editora Loyola, 2014

HISTÓRIA E CULTURAS

A PRODUÇÃO ESCRITA E O DESENVOLVER DA MISOGINIA

Santo Agostinho interpretou o livro de Gênesis, dando justificativas para o poder dos homens sobre as mulheres, afirmando que a alma do homem é assexuada, enquanto o corpo é sexuado, sendo que o corpo representa a alma, fazendo com que o homem esteja mais próximo de Deus. Enquanto a mulher tem o corpo como um obstáculo da razão, portanto é inferior ao homem e, conseqüentemente, submissa³³

29

Outro documento histórico que aborda a natureza feminina é o *Decreto Graciano*(século XII), uma importante fonte do direito canônico, no qual se pode ler:

Essa imagem de Deus está no homem, criado único, fonte de todos os outros humanos, tendo recebido de Deus o poder de governar, como seu substituto, porque é a imagem de um Deus único. É por isso que a mulher não foi feita à imagem de Deus. [...] Não foi sem motivo que a mulher foi criada, não da mesma terra de que foi feito Adão, mas de uma costela de Adão [...] Foi por isso que Deus não criou no começo um homem e uma mulher, nem dois homens e duas mulheres, mas primeiro o homem, em seguida a mulher a partir dele.³⁴

Mas além dele, outras figuras se empenharam nesse compromisso de condenação das mulheres. Godofredo de Vandoma condena a primeira mulher, Eva. Ele se baseia em narrativas da Criação e a Queda em Gênesis, e que pesa constantemente na composição do imaginário feminino. O momento da Queda é ainda mais grave, e que segundo Ambrósio de Milão, a mulher foi a autora da falta do homem, além dela mesma não resistir à tentação, ainda arrastou consigo o homem para o pecado. Para garantir o celibato, era necessário convencer os clérigos a recusarem a mulher, que era moralmente hedionda, garantindo que essa era a melhor escolha. Para isso, afirma que:

Com efeito, esse sexo abusou, pela sua persuasão, do primeiro homem, e cercou, com a sua pergunta, o Apóstolo Pedro. Pressionou o primeiro à transgressão e o segundo à negação. É isso que este sexo, cumprindo o seu ofício à maneira de uma serva porteira, todos aquele que seduz, ou os exclui da vida, como excluiu Pedro de Cristo, ou os inclui na morte, como Adão no Paraíso.³⁵

³³SANTOS AGOSTINHO apud DELUMEAU, op. cit, p. 472

³⁴DECRETUM GRATIANI apud DELUMEAU, op. cit, p. 472.

³⁵DALARUN, op. cit, p. 37.

HISTÓRIA E CULTURAS

30

O bispo Marbode de Rennes escreve sua obra *Da Mulher Má*, o terceiro capítulo do *Livro dos Dez Capítulos*, onde define a mulher com as piores características possíveis. De tentadora à peste e serpente, Rennes uniu diversas influências patrísticas e clássicas para descrever a “mãe de todos os vivos”, a “pior armadilha preparada pelo inimigo”, “raiz do mal e fruto de todos os vícios.” Para garantir a rejeição das mulheres por parte dos clérigos, para evitar o concubinato, Rennes descreve a mulher como:

Uma cabeça de leão, uma cauda de dragão e o meio nada mais do que um fogo fervente”. Aviso a todos os clérigos-escolares que empalidecerão com estes versos do retórico: eles que não se exponham a essa fornalha. Os três maiores inimigos do homem são a mulher, o dinheiro, as honras: “A mulher, coisa frágil, inconstante a não ser no crime, não deixa nunca espontaneamente de ser nociva. A mulher, chama voraz, loucura extrema, inimiga íntima, aprende e ensina tudo o que pode prejudicar. A mulher, vil *fórum*, coisa pública nascida para enganar, pensa ter triunfado quando pode ser culpada. Consumindo tudo no vício, é consumida por todos; predadora dos homens, torna-se ela própria a presa.”

E prossegue:

Dentre as incontáveis armadilhas que nosso inimigo ardiloso armou através de todas as colinas e planícies do mundo, a pior é aquela que quase ninguém pode evitar é a mulher, funesta cepa de desgraça, muda de todos os vícios, que engendrou no mundo inteiro os mais numerosos escândalos [...]. A mulher, doce mal, ao mesmo tempo favo de cera e veneno, que com um gládio untado de mel corta o coração até dos sábios.”

Roger de Caen, na tentativa de afastar os outros do casamento, afirmava que:

Acredita-me, irmão, todos os maridos são infelizes [...]. Aquele que tem uma esposa feia, dela se desinteressa e a odeia; se é bela, ele tem um terrível medo dos galantes [...]. Beleza e virtude são incompatíveis [...]. Tal mulher dá a seu esposo ternos abraços e lhe concede doces beijos, e destila o veneno no silêncio do seu coração! A mulher não tem medo de nada; acredita que tudo é permitido.”

Os tratados anti matrimoniais acenderam a chama da misoginia. Para os prelados, monges e clérigos, a relação matrimonial era impossível, devido seus votos. Mas seu objetivo era transformar a convivência com a mulher o próprio inferno na Terra, gerando desconfiança do sexo

³⁶DALARUN, op. cit, p. 32.

³⁷DELUMEAU, op. cit, p. 474.

³⁸IBIDEM

HISTÓRIA E CULTURAS

feminino, originada da sua descendência de Eva. No século XIII, há a construção teórica de Eva, que encaixou o sexo feminino dentro dessa ordem social como sendo inferior. Segundo Bourdieu, essa estrutura se modificou por meio de “pequenos acidentes históricos, e se perpetuando facilmente e que mesmo em situações intoleráveis, tenham sido vistas como aceitáveis e naturais”.³⁹ A violência simbólica aparece nesse momento da história com a socialização e a construção da imagem feminina como demoníaca, por meio da transformação do arbitrariamente cultural em natural, transformando as práticas mágicas em intrinsecamente femininas.⁴⁰

Os tratados anti matrimoniais foram apenas o começo da abertura desse círculo de literatura monástica. Antes recluso dentro dos muros da Igreja e monastérios, a misoginia ganhou espaço na literatura de circulação para a aristocracia, seguido de sermões para os leigos e frequentadores das missas, afetando a convivência social. A imprensa participou ativamente desse processo, além de difundir o ódio contra a mulher, também colaborou para o ódio ao judeu e difusão de previsões escatológicas.

Outro tratado do período foi *De Planctu Ecclesiae*, de Álvaro Pelayo, a pedido do João XXIII, que então era o cardeal responsável pela Penitenciária Apostólica. A obra foi publicada em 1474 e reeditada duas vezes, o que pode indicar uma importância dentro do círculo monástico. A obra possui um “longo catálogo de 102 vícios e más ações de uma mulher”.⁴¹ Além dos discursos reincidentes de que a mulher é um poço de pecado e luxúria, Pelayo tece outras acusações:

[...] as mulheres são “adivinhas ímpias” e lançam mau olhar. Algumas, “muito criminosas”, “servindo-se de encantamentos, de malefícios e da arte de Zabulão”, impedem a procriação. Provocam a esterilidade com ervas e composições mágicas. “Frequentemente [...] sufocam, por falta de precaução, os filhos pequenos deitados em sua cama. Frequentemente, elas os matam, tomadas de delírio. Algumas vezes, são as colaboradoras do adultério: seja porque entregam virgens à libertinagem, seja porque se arranjam para fazer abortar uma moça que se abandonou à fornicção.”⁴²

Pelayo reitera o crime do aborto e do infanticídio, fazendo uma referência à Medéia, feiticeira e que assassinou os próprios filhos em nome do amor (e do desprezo) de Teseu. O amor e

³⁹Pierre BOURDIEU, *A dominação masculina*, Rio de Janeiro, Editora Bertrand Brasil, 2014

⁴⁰A submissão que a dominação masculina causa é chamada pelo autor de violência simbólica, que consiste numa agressão sem coerção física, resultando apenas em danos morais e psicológicos, e que é exercida na comunicação, conhecimento e na própria existência – socialização. A dominação alcança seu estágio máximo quando, além de exercida, é reconhecida pelo dominante e o dominado, como uma linguagem, estilo de vida, emblema ou estigma. (Ibidem)

⁴¹DELUMEAU, op. cit., p. 481.

⁴²PELAYO apud DELAMEAU, op. cit., p. 483.

HISTÓRIA E CULTURAS

os desejos da carne, que podem afastar o homem da verdade divina, é abordado em outro tópico do cardeal:

[...] acusação mais longamente desenvolvida [...] é assim formulada: “a mulher é ministro de idolatria”. Pois “torna o homem iníquo e o faz cometer apostasia”; no que é comparável ao vinho que provoca o mesmo resultado. Quando nos abandonamos a paixão da carne, erguemos um tempo ao ídolo e abandonamos o verdadeiro Deus por divindades diabólicas. Assim fez Salomão, que não teve menos de setenta esposas - “elas foram quase como rainhas “ — e trezentas concubinas. No tempo de seus desregramentos, ele sacrificou aos ídolos que elas adoravam: Astarte, Thamuz, Moloch, etc. É o seu mal exemplo que segue os cristãos quando se acasalam com judias ou muçulmanas.”

Diante das fontes trazidas na pesquisa, vemos que os clérigos são misóginos e sem meios termos. Para garantir a perpetuação dos preconceitos, recolheram passagens da cultura escrita, dos gregos, latinos até a tradição cristã, passando da literatura até os escritos clericais. Tudo para garantir suas argumentativas. Todos os tratados, cartas e sermões que eram passados aos fieis tinham como objetivo alimentar esse imaginário, do sexo feminino como inferior. O homem precisa vigiar a si mesmo e aos outros, para não ceder aos desejos da carne, já a mulher, trazia a transgressão na própria carne e existência.”

CONCLUSÃO

Segundo Soihet, a falta de vestígios sobre a existência das mulheres, produzido por elas próprias, nos coloca numa *sinuca de bico*, onde nos vemos obrigados a ler o passado sob a lente de outros. As representações femininas a que temos acesso são bem delimitadas, condenatórias e misóginas, mas não que tenha sido de propósito, ademais, os homens que escreveram sobre mulheres nada mais eram do que frutos do seu tempo, assim como nós somos frutos do nosso tempo.

A sexualidade enquanto fardo era ligada ao corpo feminino, já era representado como um agente da sedução. Sendo assim, uma das consequências da misoginia seria a investida antimatrimonial, o crescimento do movimento monástico no século II em diante, com as campanhas de celibato clerical e a condenação da carne e da mulher. Percebemos a incorporação desse

⁴³Ibidem, p. 483.

⁴⁴FRUGONI, op. cit.

HISTÓRIA E CULTURAS

imaginário feminino na cultura escrita. Em primeiro lugar, a expansão do público que teria acesso a essa produção escrita. No princípio, por volta do século XI, era destinado a clérigos que deveriam fortalecer sua aversão à carne. Já no decorrer do século XIII, o público se torna mais vasto, a literatura mais acessível a canonistas e moralistas, inclusive, redatores dos manuais de inquisição.

A narrativa histórica que se desenhou sobre as mulheres as retratou como pecadoras e ameaçadoras, principalmente quando elas ultrapassam o papel de ternas e submissas. A ideia de que as mulheres tornam-se perigosas quando tentam ter autonomia e poder próprio é uma ideia recorrente ao longo da história, assim como atribuições negativas à respeito da sua constituição enquanto ser filosófico: turvas, indignas e traiçoeiras. Devido a sua natureza oposta ao homem, o debate existencial entre a carne e o espírito, a razão e a emoção, o ser e o não ser, a mulher sempre - e infelizmente sempre ocupará - o espaço secundário, o Outro, o *outsider* da história, designada ao silêncio da própria história.

A natureza feminina, a partir da Alta Idade Média, se viu limitada dentro do ambiente doméstico e privado, Cristine de Pizan deu voz à inúmeras mulheres quando escreveu que, em sua loucura, lhe desesperava o fato de ter nascido num corpo feminino. Apesar dos clérigos evocarem mulheres que, há muito tempo, já jazem como cinzas, o castigo sempre será eterno, como o de Eva:

As dificuldades de penetrar no passado feminino têm levado os historiadores a lançarem mão da criatividade, na busca de pistas que lhes permitam transpor o silêncio e a invisibilidade que perdurou por tão longo tempo neste terreno. Assim, cópias heliográficas arquitetônicas foram utilizadas para interpretar as relações de poder na vida doméstica, tal como relatos de assistentes sociais para investigar relações domésticas ou diários de médicos para conhecer o comportamento das mulheres durante o parto. Enfim, acompanhando a renovação teórica dos estudos históricos, refinaram-se os métodos, as técnicas, desenvolvendo-se a inventividade com relação às fontes, o que tem possibilitado maior intimidade com aqueles segmentos e a ampliação dos horizontes da história.⁴⁵

Com a propagação do discurso de verdade, os clérigos e a Igreja Católica, enquanto instituição dominante no período medieval, possuíam o monopólio do saber e da escrita, assim como o direito (e o dever) de informar, formar opiniões e exprimi-las. Sendo assim, os responsáveis por elaborar um discurso que define as prerrogativas masculinas e cristãs como superiores, hierarquizaram as relações sociais e de gênero, designando o *outro*- no caso, a *outra*- como inferiores, sujeitos à dominação, controle e discriminação.

⁴⁵Raquel SOIHET, “História das mulheres” em Ciro Flamarion CARDOSO; Ronaldo VAINFAS, *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 5ª edição; 1997. p. 229/230

HISTÓRIA E CULTURAS

Diante dos fragmentos apresentados, podemos analisar que o monopólio da escrita detido pela classe secular tinha a obrigação de pensar a humanidade, sociedade e Igreja, além de orientar o plano da salvação, encaixando as mulheres dentro de toda essa estrutura. A escrita documentou os preconceitos com a natureza feminina, mas a imprensa auxiliou na difusão dos pensamentos misóginos, especialmente na quebra do círculo monástico, passando a alcançar diversas outras camadas da sociedade.